

ESTEREÓTIPOS RACIAIS NO LIVRO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL O GRANDE DILEMA DE UM PEQUENO JESUS

ESTEREOTIPOS RACIALES EM EL LIBRO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL EL GRAN DILEMA DE UN JESÚS PEQUEÑO

Vanusa Cristina Martins¹

Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira²

Resumo: A análise da obra *O grande dilema de um pequeno Jesus*, de Júlio Emílio Braz, visa contribuir com a discussão de valores étnico-raciais para a problematização de temas, situações e valores com os quais crianças e jovens vêm se deparando no decorrer da vida. Visa combater representações sociais estereotipadas e de caráter discriminatório, buscando romper com os estereótipos e preconceitos raciais, aproximando o público jovem de textos mais próximos de uma realidade plurirracial e multicultural como a realidade brasileira.

Palavras-chave: Literatura. Preconceito. Discriminação racial.

Resumen: El análisis de la obra *El gran dilema de un Jesús pequeño* de Júlio Emílio Braz, pretende contribuir con la discusión de valores étnico-raciales para la problematización de temas, situaciones y valores con los que niños y jóvenes se vienen encontrando en el trayecto de la vida. Pretende combatir representaciones sociales estereotipadas y de carácter discriminatorio, buscando romper con los estereotipos y prejuicios raciales aproximando al público joven a textos más cercanos a una realidad plurirracial e multicultural como lo es la realidad brasileña.

Palabras clave: Literatura. Prejuicio. Discriminación racial.

Abstract: The analysis of the work's *Main dilemma a little Jesus*, Júlio Emílio Braz, aims to contribute to the discussion of ethnic-racial values and the questioning of topics, issues and values with which children and young people have been coming across in the course of life. Aimed at combating stereotypes and social representations of the discriminatory nature, seeking to break the stereotypes and racial prejudices, approaching the young audience of texts closer to a reality multiracial and multicultural as the Brazilian reality.

Keywords: Literature. Prejudice. Racial discrimination.

¹Graduada em Letras, pelo Programa de Formação de Professores para a Educação Básica (PROEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), professora da rede municipal de ensino de Pinheiro-MA.

²Doutoranda em Informática na Educação, graduada em Letras, professora do Programa de Formação de Professores para a Educação Básica (PROEB) da UFMA.

1 INTRODUÇÃO

O livro *O grande dilema de um pequeno Jesus* é uma obra literária de autoria do escritor Júlio Emilio Braz, voltada principalmente para o público infantil. Aborda a questão racial, promovendo o debate sobre o papel social do negro na literatura infantil. A abordagem possibilita a ressignificação da personagem negra na literatura, possibilitando aos leitores refletir sobre o que é ser diferente, em um contexto – a escola – no qual a igualdade e o respeito ao próximo deveriam ser uma constante aprendizagem, independente das diferenças.

A escola é, pois, no contexto da obra analisada neste trabalho, um espaço em que acontece a maior parte das ações das narrativas, no qual as personagens são alvos de discriminação, inferioridade e até do silêncio esmagador e preconceituoso, por causa da cor de sua pele.

2 O GRANDE DILEMA DE UM PEQUENO JESUS

A obra *O grande dilema de um pequeno Jesus* narra a história de Filipe, uma criança negra que deseja muito fazer o papel de Jesus Cristo em uma peça de teatro da escola, entretanto encontra resistência pelo fato de ser negro.

Tal ficção não partiu apenas da imaginação do escritor, mas também de um fato real, conforme ele afirma na apresentação da obra:

Esta história partiu de um fato real. Por mais absurdo que possa parecer, uma criança negra que queria para si o papel de Jesus Cristo numa simples peça de teatro em sua escola passou pelo constrangimento de ser convencida por sua professora a desistir do papel, sem qualquer explicação minimamente aceitável. (BRAZ, 2004, p. 7).

Trazer a discussão sobre o racismo para a literatura é a forma que Júlio Emilio Braz encontrou de não aceitar passivamente o comportamento discriminatório.

O enredo se desenrola quando a professora fala aos alunos de uma peça a ser encenada na Semana Santa. Ao manifestar sua vontade de fazer o papel de Jesus, Felipe encontrou resistência a partir das respostas dos colegas de sala e do silêncio da professora.

Felipe levantou o braço e disse:
_ Eu vou ser Jesus!
_ Alvorço. Alguns acharam graça:

_ Felipe, de Jesus?!

A professora ficou olhando para ele sem saber o que dizer. Dava pra ver o embaraço nos olhos dela, e aquele embaraço só fazia aumentar à medida que as primeiras piadinhas e risinhos apareciam de um lado e outro da sala. (BRAZ, 2004, p. 9).

Surge um grande alvoroço e um conflito na sala, diante do desejo de Felipe representar Jesus na peça teatral. Nota-se, por meio das reações das outras crianças, que o preconceito racial já está arraigado em suas mentes, fruto de uma sociedade em que as atitudes racistas e discriminatórias se evidenciam cotidianamente.

Outro fato que chama a atenção é a reação de perplexidade e impotência da professora, que somente contribui para aumentar o constrangimento pelo qual Felipe está passando frente às “piadinhas” dos colegas. Ressalta-se ainda que o comportamento da professora da obra retrata as reações de muitos educadores diante de situações de preconceito e racismo na escola, pois, conforme salienta Munanga (2008, p. 11), professores “na maioria dos casos, praticam a política de avestruz”, ou seja, “enterram as cabeças” para se esquivar das situações-problema.

_ Por que eu não posso ser Jesus?

_ Porque você é negro, Filipe – disse uma menina de longas tranças douradas. _ Você já viu um Jesus negro?

[...]

_ Mas todo mundo sabe que Jesus era branco...

Filipe, irritado, virou-se mais uma vez para a professora e perguntou:

_ Sabe?

A cor fugiu do rosto da professora. Seus olhos se transformaram em dois enormes poços azuis, nos quais, com certeza, ela gostaria de mergulhar para fugir daquela discussão. (BRAZ, 2008, p.12).

Nesse diálogo, evidencia-se a força da segregação racial presente na resposta da “menina de longas tranças douradas”. Observa-se que o autor evidencia algumas características dos personagens, a fim de ressaltar as diferenças entre o protagonista (Filipe) e os outros personagens.

O autor ressalta ainda outro aspecto extremamente crucial para a efetivação do papel da escola, que consiste na inexistência, no processo de formação de professores, de uma sensibilização e compreensão do fenômeno do preconceito e da explicitação de práticas pedagógicas a serem desenvolvidas nas salas de aula, para redirecionar atividades que detenham atitudes, posturas e

comportamentos preconceituosos, como a que se revela no questionamento presente no texto proferido pela “menina de longas tranças douradas”.

Munanga (2008, p. 11) afirma, a respeito do comportamento de professores frente a situações de discriminação, que:

Alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional.

A falta de preparo dos educadores muitas vezes reforça atitudes de preconceito. Na passagem em que a professora “gostaria de mergulhar para fugir daquela discussão”, fica evidente o despreparo da professora, ao não saber lidar com a situação, desejando fugir para outro lugar. Tal atitude e prática fazem com que se percam grandes oportunidades que se apresentam no processo de socialização, oportunidades estas que podem ajudar a combater o preconceito racial, por meio da educação, haja vista a escola ser o lugar onde muitos conflitos podem ser trabalhados, suscitando novas tomadas de posição e “valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro.” (MUNANGA, 2008, p. 65).

Analisando-se o trecho:

_ Tem algum problema o menino ser Jesus?
Mais silêncio, silêncio constrangedor, pesado, mas acima de tudo sem respostas. Alguém saltou um risinho zombeteiro e questionou:
_ Um Jesus negro? (BRAZ, 2008, p. 18).

Diante do questionamento dos colegas, Felipe inquire a professora, desejando saber por que razão ele não pode ser Jesus. O silêncio da professora, ou seja, o fato de ela se calar diante das justificativas comuns e rotuladas das outras crianças demonstra que ela também tem arraigado em si o preconceito racial. Entretanto, o autor faz a reflexão sobre essa falta de preparação das escolas, em face de situações de falta de empatia e acolhimento aos questionamentos dos alunos.

Os educadores precisam acabar com o silêncio esmagador, posicionando-se criticamente perante todas as formas de discriminação, principalmente da racial, foco deste trabalho, para que assim possam desconstruir estereótipos e preconceitos estabelecidos na escola e fora dela (FONSECA, 2001).

Em ressalva, afirma-se, ainda, que cabe ao professor uma formação específica, visando ao “preparo” para uma prática docente com as condições necessárias a identificar, deter e/ou corrigir as atitudes dos indivíduos que proferem estereótipos pejorativos aos colegas. Contra essas ações são necessárias observações atentas e cautelosas, porque há casos em que se mostram muito sutis e, às vezes, até um tanto invisíveis em determinadas situações, como, por exemplo, em algumas práticas estereotipadas registradas em livros, em textos de gêneros diversificados e mediante termos empregados por via das relações pessoais e interpessoais.

_Onde já se viu um Jesus negro? – espantavam-se uns.

_E a escola vai deixar? – questionavam outros.

_Eu não acredito – duvidavam vários.

_Que mal há numa peça boba como essa?

_Mas por que Jesus? (BRAZ, 2004, p. 20).

Observa-se a legitimação da supremacia branca, disseminada pelos aparelhos ideológicos da sociedade, neste caso difundida pela escola e até mesmo por outras instâncias sociais, que usam desse discurso para que o menino Felipe desista de representar o personagem Jesus.

Não é mais admissível se manter em silêncio diante da presença de estereótipos e discriminações da sociedade e principalmente no contexto escolar, pois para haver uma educação igualitária para todos é preciso não existirem mais preconceitos e nenhum tipo de discriminação. Entretanto, ainda se percebe que muitas práticas discriminatórias acontecem na maioria das vezes de forma camuflada e que muitas pessoas que dizem não ser preconceituosas se calam, preferindo silenciar a emitir opinião diante do preconceito e da discriminação racial.

_Ninguém diz nada. O Caio é que falou que eu não podia ser Jesus.

_E ele falou por quê?

_Porque eu sou preto.

_Ah... E o que você acha?

_Acho que não tem nada a ver! (BRAZ, 2004, p. 26).

Nesse sentido, vale ressaltar o pensamento de Luz (1983 apud SILVA, 1987, p. 6), ao defender que “os estereótipos justificam a exploração e a opressão pelo índice imaginário de superioridade de um grupo humano sobre outro, recalçando todo o processo histórico que engendrou essa determinada situação”, ou seja, os estereótipos incutem na personalidade do ser humano a ideologia de superioridade de um grupo sobre o outro, sem necessariamente observar o

processo histórico de tal ideologia e sem refletir sobre suas causas e consequências.

Os estereótipos expandem uma representação negativa àquele para o qual são direcionados. Referindo-se ao trecho “porque eu sou preto”, proferido por Felipe, expressa o peso negativo que representa para ele a sua cor, por mais que ele não concorde ou não entenda as justificativas dos colegas ou o silêncio da professora.

Porém, a sociedade na qual Felipe está inserido conota a sua cor dessa forma, ressaltando o legado herdado por meio de um passado que pouco contribuiu para o desenvolvimento de uma autoestima da criança negra ou afrodescendente no Brasil.

Na verdade ele é branco porque o artista que pintou o quadro também era branco e acreditava que Jesus era branco, e por isso o fez à semelhança. Pra ser sincero, ninguém sabe como era realmente Jesus, nem mesmo qual era sua cor. Muitos preferem acreditar que ele era branco, e talvez até tenha sido. Eu acho que isso pouco importa. O que realmente importa não é ser Jesus, mas ter Jesus e Deus aqui dentro, como parte de nós. _ O padre tocou-lhe o peito bem na altura do coração e sorriu, porque afinal de contas ele era bom naquilo que fazia e um sorriso é a chave que abre a porta do coração de qualquer um para o amor e para Deus. (BRAZ, 2004, p. 35-36).

Observa-se que a relação de poder incide no domínio e até no controle de um indivíduo, grupo, nação ou continente que detenha *status*, posição social e aquisição econômica, e se impõe ao outro que é desprovido desses recursos. Essa ideia pode ser justificada pela teoria aceita mundialmente, por via da disseminação e divulgação de uma imagem de um Jesus de pele branca e olhos azuis (CAVALLEIRO, 2005), no intuito de legitimar o seu poder e domínio sobre os demais indivíduos, assemelhando-se às características físicas de uma homem tido como mais sábio e poderoso de todos os tempos. Portanto, a imagem do Cristo branco reflete apenas o ideário do artista pintor ideologicamente influenciado.

Desta vez não estava nem triste nem alegre. Estava pensando. Pensando no silêncio da professora. Pensando no que todos diziam. Pensando no que os pais haviam dito muito rapidamente, até sem perceber que diziam o que diziam. Pensando no avô. Pensando no Padre. (BRAZ, 2004, p. 40).

De acordo com Dória (2008), o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo silêncio que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola. Então, observa-se a indignação, o conflito interior de Felipe,

diante do fato de ninguém lhe esclarecer com propriedade a razão por qual não pode representar Jesus na peça teatral; até então ele continua sem uma real explicação para tal fato, o que o deixa muito pensativo.

A grande diferença se manifesta quando aceitamos que as pessoas nos olhem como diferentes. Quando você não se vê como diferente, todos nós somos pombos, todos nós comemos juntos, voamos juntos e até freqüentamos a mesma praça. Somos capazes de ser qualquer coisa, até mesmo Jesus. (BRAZ, 2004, p. 42).

O trecho remete à reflexão sobre a necessidade de o negro ou o afrodescendente se reconhecer enquanto sujeito político e social, que ao longo da história brasileira contribuiu e vem contribuindo significativamente para este novo contexto histórico. E, assim, não se apercebe inferiorizado, buscando, dessa forma, meios para lutar por aquilo que quer, afinal o contexto socio-histórico atual revela as conquistas de um grupo militante que muito lutou desde a resistência quilombola e continua na luta constante pelo seu espaço, pelo reconhecimento de uma identidade própria positiva e respeitada.

Observa-se que, de modo silencioso, ocorrem situações na escola, na família e na sociedade que podem influenciar significativamente a socialização das crianças, mostrando-lhes, infelizmente, diferentes lugares sociais para pessoas brancas e negras. E nota-se que a escola de Felipe oferece aos alunos, brancos e negros, oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da vida escolar e da sociedade brasileira, a partir do momento em que não age e aceita com naturalidade o fato de o menino negro não fazer o papel de Jesus. A origem étnica de Felipe condiciona um tratamento diferenciado na escola, conseqüentemente favorece a discriminação.

Não adiantou a cara desorientada da professora, nem a sugestão de outros papéis mais interessantes feita pela diretora e uma ou outra professora. Era Jesus ou nada, e, diante de tantas ponderações e ofertas, ele foi por demais sincero:

_ Por que eu não posso ser Jesus?

[...]

_ Onde já se viu Jesus negro?

Mas Felipe não se deu por satisfeito e respondeu com a mesma sinceridade:

_Vão ver agora!

E nada foi dito diante de tanta determinação. (BRAZ, 2004, p. 45-46).

Por fim, apesar de tantas resistências e tantas investidas para que Felipe desistisse do papel, sua determinação foi mais forte, desmitificando a ideia de negro

impotente mediante concepções preconceituosas. Finalmente, ele conquistou o que tanto desejou: “Ele quis ser Jesus e foi Jesus” (BRAZ, 2004, p. 48). Portanto, além de Felipe ter atingido seu objetivo, “nunca se divertiu tanto na vida! Foi o Jesus mais feliz que toda aquela gente viu ou veria por um bom tempo” (BRAZ, 2004, p. 48).

Ressalta-se a postura do autor, que busca desmistificar a situação descrita na obra, propiciando uma reflexão sobre problemas que atingem a escola cotidianamente, que estão em torno do preconceito e da falta de preparação pedagógica de educadores ao lidarem com situações corriqueiras, mas que merecem um tratamento adequado para sua eliminação, conforme preconiza Brasil (BRAZ, 2004).

A análise, aqui feita, resume-se em uma reflexão oportuna e indispensável para a prática de um posicionamento crítico diante da ideia central do livro infantojuvenil *O grande dilema de um pequeno Jesus*, que demarca o preconceito racial na atitude de resistência dos colegas de turma de Felipe, dos professores e de outras instâncias sociais, que constitui o enredo da história. É mister acrescentar que esse cenário vem mudando de forma significativa atualmente. Porém, precisa mudar ainda mais, buscando formas de melhoria para se deterem os estereótipos pejorativos e se corrigir o estigma da desigualdade atribuído às diferenças, o que se constitui em tarefa de todos os seguimentos sociais.

Constata-se, então, que a literatura infantojuvenil colabora significativamente na construção do caráter dos jovens estudantes, pois, se eles tiverem oportunidade e contato desde cedo com determinadas temáticas, tendo a liberdade de debater em sala de aula, esclarecendo suas dúvidas e não tendo medo de se posicionar frente a assuntos polêmicos como o preconceito, construindo opiniões sobre tais problemáticas, mais cedo estarão preparados para enfrentar com sabedoria muitas situações por eles vivenciadas e mais cedo estarão aptos a dar um bom exemplo como bons cidadãos críticos, reflexivos e protagonistas de sua história.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito racial é resultado de uma sociedade que desde os tempos mais remotos foi impregnada de uma concepção ideológica que primava pela valorização do segmento branco em detrimento do negro, sendo tal ideologia resquício de um país que se utilizou da escravidão do negro para dar seus primeiros passos em busca do seu desenvolvimento, sem, entretanto, valorizar essa contribuição. Tal desvalorização foi muito além da negação da contribuição do negro na formação do povo brasileiro, pois se verificou, ainda, que o negro, apesar de ser um elemento fundamental para a construção do país, sempre foi visto de forma discriminada, na escola, nos livros e nos mais diversos contextos sociais.

Entretanto, através de grandes questionamentos e lutas dos movimentos negros, muitas conquistas foram e vêm sendo implementadas na história do país em prol da igualdade racial, a começar pelas grandes mudanças na legislação do país, por meio das quais se visualizam os resultados significativos, principalmente na educação brasileira.

Outra grande contribuição, para difusão de valores ético-culturais, encontra-se na literatura infantojuvenil, que vem trazendo, através de suas narrativas, questionamentos cruciais para a desconstrução de estereótipos negativos atribuídos aos negros. Júlio Emílio Braz é um dos escritores que têm contribuído bastante, mediante suas obras, para tal desconstrução.

O espaço da narrativa em *O grande dilema de um pequeno Jesus* é a escola. Verificou-se, a partir deste estudo, que o intolerável quadro de racismo, de preconceito e de discriminação racial, existente na sociedade brasileira, reflete intensamente no cotidiano escolar. Nesse espaço de experiências, de vivências e de diversidade étnico-raciais, muitas são as ações de preconceito e discriminação que se desencadeiam a partir da propagação de estereótipos raciais pejorativos, além das atitudes de silenciamento daqueles que, ao invés de serem mediadores de aprendizagens significativas, são perpetuadores de concepções e comportamentos que geram discriminação. Pois muitas vezes silenciar é contribuir para a negação e a segregação do segmento negro, promovendo assim comportamentos de rejeição e baixa autoestima, caracterizados pela sensação de ausência de capacidade pessoal e negação de seu pertencimento étnico-racial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 3/2004. Institui diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana Brasília, DF, 2004.

BRAZ, Júlio Emílio. **O grande dilema de um pequeno Jesus**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2005.

DÓRIA, Antonio Sampaio. **O preconceito em foco**: análise de obras literárias infanto-juvenis: reflexões sobre história e cultura. São Paulo: Paulinas, 2008.

FONSECA, Marcus Vinícius. As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; PINTO, Regina Pahim (Org.). **Negro e educação**: presença do negro no sistema educacional brasileiro. São Paulo: Ação educativa/ANPED, 2001.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: MEC/SEC/AD, 2008.

SILVA, Ana Célia. Projeto de pesquisa: estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de comunicação e expressão do 1º grau – nível I. **Caderno de Pesquisa**, nov. 1987.